

MURILO RUBIÃO E O NEOFANTÁSTICO: RESISTÊNCIA CONTRA A OPRESSÃO

Osires de Araújo Silva Filho (bolsista PIBIC/UFPI), Érica Rodrigues Fontes (Orientadora Departamento de Letras - UFPI)

INTRODUÇÃO

O golpe militar que durou pouco mais de duas décadas (1964-1985) foi marcado pela supressão das liberdades democráticas conseguidas nos anos anteriores e pela modernização da economia. Enquanto o Brasil vivia sob o regime militar, o mundo pós Segunda Guerra assistiu a criação da Organização das Nações Unidas (1945) e a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU (1948). A Guerra Fria (1945-1989) acelerou o progresso tecnológico a níveis sem precedentes. A literatura brasileira também sofria alterações. Na poesia, uma geração de escritores se opôs às conquistas e inovações modernistas de 1922. A prosa seguiu o caminho de alguns autores da década de 30, buscando uma literatura intimista; também o regionalismo ganha grandes dimensões com Guimarães Rosa.

Foi nesse contexto que começaram a ser publicados os primeiros contos do autor mineiro Murilo Eugênio Rubião (1916-1991). Como escritor, ele inicia a carreira compondo poesias. Mas insatisfeito com a qualidade de seus textos, passa a compor contos fantásticos. Apesar da boa qualidade dos seus contos, o reconhecimento por parte do público só veio a acontecer com a publicação de seu terceiro livro, *O pirotécnico Zacarias*, que vendeu mais de 100 mil exemplares em poucos meses.

Autores de qualidade indiscutível, como Murilo Rubião, ainda hoje são desconhecidos por parte do cânone e público leitor, que costumam dedicar pouca atenção às vozes minoritárias e politicamente oprimidas.

METODOLOGIA

Inicialmente, foram feitas leituras a respeito da história e literatura do Brasil entre os anos de 1964 e 1985. Atenção especial foi dada aos fatos que culminaram com supressão às liberdades individuais e a perseguição aos opositores do sistema vigente, principalmente os escritores. Para este estudo, utilizaram-se livros didáticos e páginas da Internet como fonte de pesquisa. Em seguida, criou-se um painel com os fatos mais marcantes do período.

Feita essa introdução de como o Regime Militar foi vivido pelos brasileiros, partiu-se para o estudo do material que trata de identidade, especificamente os autores Maurice Halbwachs e José Murilo de Carvalho. Mais adiante, partiu-se para o estudo de Todorov e a aplicação da teoria na análise dos contos do autor mineiro Murilo Rubião.

Durante toda a duração da pesquisa, foram realizadas reuniões periódicas entre orientando e orientadora em que foram discutidos pontos e questionamentos relevantes para o andamento do projeto. À cada novo material estudado foram escritas resenhas críticas que serviam de base para as discussões. Também aconteceram encontros entre o orientando e o grupo teatral *Os federais* em que a pesquisa foi exposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após leitura crítica dos quatro volumes de contos, percebeu-se que o fantástico desenvolvido por Rubião encontra-se nas situações corriqueiras do dia-a-dia. Porém, com a leitura contínua de seus contos, é

possível desconfiar que não está diante de nossos olhos uma literatura de entretenimento, com coelhos que falam, mágicos capazes de tirar jacarés de sua cartola e, em seguida, transformá-lo numa sanfona, etc. Há mais que isso e uma reflexão parece nos chamar para uma releitura do texto.

Interessou-nos aqueles contos com traços críticos ao período militar vigente no Brasil à época da publicação dos contos. Foram selecionadas e analisadas três narrativas: *A armadilha*, *A cidade* e *Botão-de-Rosa*.

Em *A armadilha*, Alexandre Saldanha Ribeiro, recém-chegado de viagem, vai a um prédio, *onde a poeira e detrimento emprestavam desagradável aspecto ao ladrilho. Todas as salas encontravam-se fechadas e delas não escapava qualquer ruído que indicasse presença humana*. Não fica claro o que o personagem central faz ali naquele local, mas parece ser algo inadiável já que o mesmo ainda carrega sua mala em uma das mãos e caminha em direção à porta do último escritório.

Depois de abrir a porta fazendo uso da força, Alexandre fica imóvel: *sentado diante de uma mesa empoeirada, um homem de cabelos grisalhos, semblante sereno, apontava-lhe um revólver*. Após afirmar que esperava pela chegada de Alexandre, este diz: - *Impossível! Nunca você poderia calcular que eu chegaria hoje, se acabo de desembarcar e ninguém está informado da minha presença na cidade! Você é um farsante, mau farsante. Certamente aplicou sua velha técnica e pôs espias no meu encaixo. De outro modo seria difícil descobrir, pois vivo viajando, mudando de lugar e nome*.

Quanto ao sobrenatural, este se faz claro no final do conto quando o senhor de cabelos grisalhos tranca a porta por onde Alexandre adentrou e joga a chave por baixo dela. Enfurecido Alexandre afirma:

- *Arrombarei a porta. Jamais me prenderão aqui!*

- *Inútil. Se tivesse reparado nela, saberia que também é de aço. Troquei a antiga por esta*.

Conclui-se o conto com uma frase do velho:

- *Aqui ficaremos: um ano, dez, cem ou mil anos*.

A última cena, descrita acima, nos expõe um aspecto comum quando se trata de uma narrativa fantástica: o exagero. Aqui ele se faz presente na quantidade de anos em que os personagens ficarão trancafiados em uma sala. Provavelmente, esta frase é capaz de causar surpresa no leitor que pode hesitar entre a possibilidade real ou não de um cárcere eterno.

Em *A cidade*, a construção do fantástico dá-se desde o início do conto. Um passageiro de trem tenta chegar a uma cidade grande, contudo é obrigado a descer na antepenúltima parada pois as casas que encontraria pelo caminho, aquelas que estavam sobre um morro encontravam-se todas vazias (esta informação foi trazida por um funcionário do trem). Além disso, ele era o único passageiro da longa composição. Espera-se que um leitor mediano hesite se, de fato, essa situação é real ou imaginária, devido ao seu aspecto insólito.

Chegando à cidade só percebe a presença de homens na rua e após perguntar a alguns deles sobre o nome da cidade é levado à delegacia. É possível perceber traços de violência/militarismo a partir de então: *Pegaram-me com violência, pelos braços, e foram-me levando aos trancos*.

O delegado, que cumpria ordens, aprisiona o recém-chegado à cidade mesmo sem provas. A autoridade policial havia recebido apenas informações de seus superiores de que o criminoso chegaria no dia 15 e que ele faria perguntas.

Em *Botão-de-Rosa*, o personagem principal é acusado de ter estuprado e engravidado as mulheres e, em seguida, é conduzido por militares até a delegacia. Lá é recebido pelo delegado, um tenente reformado, que ao receber uma ligação informa ao acusado que houvera um equívoco e que, de ali em diante, ele

estaria sob suspeita de traficar heroína.

Aqui já é possível perceber a crítica à forma como eram conduzidas as prisões e processos na justiça na época em que o conto foi publicado. Durante anos, vários foram os representantes das assembleias, câmaras (federal, estaduais e municipais) e do senado cassados, ministros do STF foram obrigados a deixar suas funções. Sumariamente membros dos poderes Legislativo e Judiciários foram sendo substituídos por favoráveis ao Executivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber, através de literatura fantástica tratou-se de assuntos delicados para o período. Os direitos civis sofreram declínio comparável à ditadura iniciada por Vargas em 1937. Como pode um cidadão ser aprisionado sem motivos, por fazer perguntas ou ser acusado de estupro e já na delegacia a acusação ser por tráfico de drogas?

Tal crítica proposta por Rubião provavelmente não seria possível sem que o autor recorresse ao gênero fantástico. Todorov, citando Penzoldt, afirma que o sobrenatural era utilizado como desculpa para descrever situações que muitos autores jamais tratariam em termos realistas. Provavelmente por isso, a existência de fatos sobrenaturais em suas narrativas serviram para adentrar em assuntos mais delicados.

O Regime Militar instaurado no Brasil por quase 21 anos ainda guarda muitos segredos. Pouco se sabe sobre detalhes da conduta dos militares e dos grupos de resistência. Contudo, é possível ver uma evolução, embora lenta, para uma compreensão mais abrangente do período.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de Andrade; PILETTI, Nelson. *Toda a História*. São Paulo: Ática, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- COSTA, Luís César Amad; MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *História do Brasil*. 11. ed. São Paulo: Scipione, 1999.
- CULTURA NO BRASIL. *A Ditadura Militar*. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/ditadura.htm>> Acesso em 25 ago. 2009
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- MURILO RUBIÃO. Disponível em: <<http://www.murilorubiao.com.br/>> Acesso em 25 mar. 2010
- REVISTA CRIAÇÃO. *O fantástico na literatura brasileira*. Disponível em: <http://www.revistacriacao.net/o_fantastico_na_literatura_brasileira.htm> Acesso em 25 abr. 2010
- REVOLUCIONÁRIOS. *Movimento revolucionário 8 de outubro*. Disponível em: <<http://www.revolucionarios.hpg.com.br/mr8.htm>> Acesso em 25 ago. 2009

RUBIÃO, Murilo. *A casa do girassol vermelho e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

---. *O convidado*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1983.

---. *O pirotécnico Zacarias*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1981.

---. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte: Edições Movimento - Perspectiva, 1965.5

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SUA PESQUISA. *Ditadura Militar no Brasil*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>> Acesso em 25 ago. 2009

Palavras-chave: Ditadura militar. Murilo Rubião. Fantástico.